

Plínio Salgado no exílio em Portugal, uma abordagem preliminar

Giselda Brito Silva (UFRPE/CNPq-PDE/2011)

Pelos limites do espaço de tempo do evento, daremos um salto histórico do Plínio Salgado como líder nacional dos integralistas de 1932 a 1938, que acreditamos será abordado por outros colegas deste evento, e entraremos direto nas reflexões e considerações iniciais acerca do exílio político da direita, tomando o caso de Plínio Salgado em Portugal como estudo de caso, no período de 1939 a 1946. Nossa apresentação, em razão dos limites da pesquisa até o momento, procura expor as bases iniciais com as quais estamos refletindo o exílio de Salgado no regime de Salazar e julgado pelo de Vargas.

A meta é mostrar a importância de se estudar os exilados da chamada “direita”, que por motivo de conflitos internos com os regimes, que muitas vezes ajudam a construir, acabam sendo expulsos do país, sendo pouco analisados pela historiografia, particularmente nas suas condições de retorno. O resultado é que voltam do exílio e assumem cargos, muitas vezes nos regimes democráticos que sucedem às ditaduras, como vítimas dos regimes de repressão, tendo-se pouca compreensão das mudanças e permanências de suas ideias e atuação política entre o antes e o depois do exílio. Neste sentido, entendemos que o exílio político, seja de personagens da direita ou da esquerda constitui um tema importante da história política atual.

Para o caso de Plínio Salgado e seus enfrentamentos com o Estado Novo de Getúlio Vargas e a inserção no Estado Novo de Salazar, destacamos a variedade documental com as quais precisamos trabalhar. Isto porque o tema do exílio político, seja de qualquer personagem, envolve aspectos objetivos e subjetivos, que de certa forma suscitam a utilização de documentos variados, seja no âmbito do exilado e suas condições de relação com os regimes e países envolvidos. Para o campo da subjetividade destacamos a importância das memórias escritas, depoimentos, biografias e correspondências pessoais trocados pelo exilado com os contatos e grupos de

articulação política no país do exílio e no país de origem. Há ainda, e isso pesa no caso de Plínio Salgado, aquelas em que o caráter da correspondência é familiar, mas, perpassada de intenções políticas ou mesmo como mecanismo de comunicação com o grupo de articulação política no país de origem. Estes são documentos altamente importantes para uma leitura e interpretação do campo das subjetividades, sobre o perfil e a personalidade do exilado, são lugares donde se pode ler a experiência do exílio, a situação física e mental, os problemas enfrentados e que, em geral, são compartilhados em cartas para a família.

No caso das correspondências de Plínio Salgado vimos mapeando suas reações pessoais, as ansiedades e preocupações com a situação de exilado no regime de Salazar em meio à Segunda Guerra e sendo julgado pelo regime de Vargas. Varias questões o afligiam: a guerra contra os regimes e ideologias que compactuava em alguns aspectos, as estratégias de comunicação diante dos enfrentamentos do controle da informação presente nas duas ditaduras que envolveram seu exílio; o apoio dos amigos de ideias tanto do Brasil, como de Portugal; as formas de rearticulação política e a constante espera do retorno. Como daí se pode imaginar, as correspondências são para nós documentos plurais e podem ajudar muito a estudar as condições de vivências políticas no exílio numa determinada situação política, as formas de reformulação e produção dos novos discursos, a partir de questões pessoais e conjunturais, etc.

Outro campo documental importante são os chamados documentos “oficiais” e diplomáticos produzidos e trocados pelos regimes e governos dos países que enviam e que recebem o exilado, muitas vezes, de difícil acesso, a depender do regime e das condições de controle da informação e da comunicação com a sociedade sobre o regime e as ações políticas que o envolvem. No caso de Plínio Salgado, estes aspectos são fundamentais, considerando-se as condições com que saiu do regime do Estado Novo de Vargas e a forma como se inseriu no Estado Novo de Salazar. Importa, neste aspecto, um panorama dos dois regimes e as relações mantidas entre eles, bem como suas posições em relação aos imigrantes e emigrantes sob a condição de exilados políticos. Só aqui, há espaço para uma pesquisa de grande fôlego, dada as características dos regimes de Vargas e Salazar em relação à política de controle e vigilância sobre os estrangeiros, mais ainda os exilados políticos, particularmente no período da Segunda

Guerra e a luta antifascista daquele momento. Sobre estas questões, a variedade documental é imensa, algumas à disposição dos pesquisadores. A recente abertura do Arquivo de Salazar na Torre do Tombo, envolvendo documentos da PIDE/PVDE e outros órgãos do governo, mais os arquivos do Brasil sobre o regime de Vargas são possibilidades de um trabalho nesta interface, um estudo comparado.

A pesquisa se amplia ainda mais com a integração dos jornais tanto em Portugal, como no Brasil, sobre os casos dos estrangeiros políticos, imigrantes e exilados políticos, obviamente, sob uma dada análise do controle da informação nos limites dos regimes e da cultura política dos países onde circularam. Tanto no caso do Brasil, como em Portugal, o controle da informação foi altamente rígido pelo SNI de um lado e pelo DIP/DEIP do outro. Temos aqui outro grande espaço para pesquisa sob uma abordagem comparativa dos dois regimes, envolvendo as questões dos exilados políticos. Daí a necessidade de situar os regimes e os limites impostos para se utilizar essa documentação, visto que só eram publicadas notícias permitidas pelos regimes, ainda mais quando se tratava de um personagem político vigiado como era o caso de Plínio Salgado pelos dois regimes. Há registros do controle sobre ele em vários lugares que vão desde suas correspondências, à produção literária, posição dos regimes sobre os discursos e atividades de personalidade políticas, até os documentos oficiais representados por processos e informes das instituições dos dois governos.

O exílio político é, assim, um tema que suscita uma investigação que leve em consideração uma série de questões e dados que, ao serem entrelaçados numa leitura que evite menosprezar qualquer informação ou aspecto, podem resultar numa compreensão deste fenômeno político ainda pouco estudado no Brasil, ainda mais para o caso de personagens da direita em razão das últimas posturas historiográficas mais voltadas para os exilados de esquerda. No caso de Plínio Salgado, a situação se complica, particularmente, porque o exílio envolveu relações entre regimes autoritários, num clima de guerra de amplas proporções contra os regimes autoritários com os quais mantinha interlocução e interdiscursos, sua condição de ex-líder de um movimento de caráter nacionalista e militante, etc.

Lembrando que, sobre estes pontos a refletir, é preciso se considerar que cada caso de exílio político, é um provável caso específico pela sua própria condição dos

referenciais que envolvem a individualidade. Pois, cada indivíduo enfrenta o desconhecido de forma diferenciada. Se tomarmos a contribuição dos psicanalistas, podemos perceber que o exílio é um momento de *Luto*, é um momento pessoal, seja para o cidadão comum, seja para os personagens políticos de esquerda ou de direita. Há que se observar, nestes últimos casos, o entrelaçamento do universo pessoal com o político. Plínio articulou um retorno político e uma prestação de contas com os inimigos políticos durante todo seu exílio. As correspondências trocadas com “amigos de ideias” e com personalidades “chave” mostram isso. Esse caráter, contudo, do seu perfil só aparece depois de um tempo no exílio, quando passa a controlar mais a sua situação longe do Brasil, através dos contatos que foi mantendo entre um país e outro. Antes, particularmente nas primeiras cartas, percebemos seus medos, seus temores de uma vingança contra sua pessoa em razão dos fatos do *11 de maio de 1938*, temia os grupos antifascistas de Portugal, etc. Seus medos de não mais ver a filha, que sem dúvida idolatrava, está o tempo todo presente nas suas correspondências. Ele era o líder dos integralistas, mas também era um pai em situação de afastamento da família, do universo sob seu controle e do conhecido. Até onde vimos caminhando na pesquisa, percebemos que sua autoconfiança foi retomando com o passar do tempo, com o apoio dos amigos de ideologia, familiares e conhecidos pessoais, que o mantinham constantemente atualizado sobre tudo que se passava em torno de sua figura em Portugal e no Brasil.

Plínio Salgado era o representante de uma elite política autoritária em tempos de crise da chamada *direita*, em meio a um conflito armado em torno da ideologia que abraçava, no Brasil corria um processo contra sua pessoa. A situação não era de conforto, nem despreocupante. Os medos e os temores em torno do seu referencial político existiam e interferiram na reformulação de alguns dos seus ideais e posições políticas. Partimos do princípio que o exílio político deixa marcas no indivíduo que afetam sua visão de mundo, concepção política e vida pessoal. Porque cada exilado vive o exílio de forma muito particular, ainda que comunguem dos mesmos motivos de saída de um país, de uma sociedade. Plínio Salgado não ficaria isento das marcas do exílio e soube reverter em favor de sua imagem, a construção de um mártir, pai sofrido afastado da única filha que amava e mal interpretado politicamente nas suas intenções para com a pátria, para com as tradições.

A publicação de algumas de suas correspondências trocadas, pelos seus simpatizantes e militantes, nada mais são do que o reforço desta imagem em favor da memória discursiva da manutenção do seu pensamento político no tempo presente. O exílio lhe rendeu uma imagem que dava materialidade de sentido à sua literatura, centrada na “Revolução Espiritualista”. Isso não significa que ele não tenha vivido o sofrimento e os medos do exílio, é uma individualidade referencial sob a pressão do momento político. Enquanto os historiadores desconsideram as condições pessoais do seu exílio, ele, seus militantes e seguidores souberam tirar amplo proveito. Atualmente, saber ler e interpretar a direita autoritária passa também pela consideração de certas questões que sempre foram relegadas por se acreditar estar fazendo apologia à direita, enquanto isso ela se rearticula novamente no campo político.

Outra questão importante do exílio político, como já destacamos, são os contatos que permitem o engajamento político com novos grupos do país em que partiu ou do país que recebe. Este tipo de situação em geral favorece a manutenção das ideias, ao mesmo tempo em que permite as condições de reformulações dos antigos discursos sob a aparência de novos. Favorece da mesma forma o retorno do exilado, que regressando sob a condição de articulação com grupos, acaba assumindo cargos públicos depois do exílio. Sendo, neste caso, a experiência do exílio um referencial que alicerça as bases dos novos discursos numa nova situação política. Há aqui uma série de possibilidades de análises.

O estudo de caso de certos personagens políticos, cujo perfil se enquadra na direita autoritária e conservadora impõe um destes olhares plurais. Primeiro porque, em geral, são indivíduos que compactuam com um certo passado histórico e mesmo nas suas tendências à mudanças estão sempre atrelados a modelos enraizados nas tradições do campo das ideias políticas, sendo a condição do exílio um afastamento destas raízes e bases do pensamento conservador tomadas como referencial do seu valor e posição. Neste caso, pesa bastante a cultura político do país que recebe este tipo de exilado. No caso de Plínio Salgado, isto foi fundamental para a manutenção de muitos dos seus ideais e do seu retorno.

Sob estas considerações, podemos dizer que a história do exílio de personagens da direita, a exemplo de Salgado, é importante porque é no exílio que alguns deles se

rearticulam e refazem seus pensamentos, ajustando-se às novas condições político-ideológicas. Em certos casos, o exílio é o momento da *viragem* e reordenamento das ideias políticas, é o momento de transição e rearticulação. Alguns retornam ao seu país de origem, mesclando-se a novas situações que lhes permitem a continuidade das ideias e pensamento autoritário sob nova discursividade. Não é à toa que, frequentemente, temos nos deparado com ações políticas nos regimes ditos democráticos, onde alguns personagens nos surpreendem com atitudes e ideias tipicamente autoritárias e antidemocráticas que sobreviveram de outros momentos políticos. Este enfoque, pode ainda ajudar num trabalho de mapeamento sobre as especificidades e particularidades do exílio político no Brasil, comparando-se as situações e os casos de personagens da esquerda com os da direita, no século XX.

Denise Rollemberg (1999), uma das especialistas na questão do exílio político das esquerdas no Brasil, típico da segunda metade desse século, afirma que “o exílio no Brasil jamais chegou a ser de massa, como outros da América Latina”.¹ Esta especificidade em relação ao Brasil, sugere um procedimento de *estudo de caso*, já que as situações que envolvem o exílio são políticas e de grupo, mas, as experiências e condições são pessoais. Estudos sobre o exílio das esquerdas têm mostrado que, apesar da perseguição ser a um grupo, a saída deles para o exílio se dá de forma isolada e individual, com especificidades para cada exilado em função das suas subjetividades e situação no exílio. Obviamente, em função da realidade da política brasileira, no caso da direita autoritária, não há uma situação histórica que tenha levado um grupo a sair em massa do país. Os casos de saída do país de personagens da direita também são isolados, mesmo nos momentos de queda das ditaduras. Alguns inclusive são rearticulados nos novos regimes, quando a transição se dá de forma pacífica, como foi o caso das duas ditaduras do Brasil no século XX, a de Getúlio Vargas e a dos militares. Em razão deste perfil político, em relação aos casos de exílio político voluntário ou involuntário, sejam da esquerda ou da direita, consideramos pertinente reafirmar as reflexões de Denise Rollemberg quando diz que

¹ ROLLEMBERG, Denise. “Memórias no exílio, memórias do exílio”. FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil. Revolução e democracia (1964...)*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

contar a história do exílio, de qualquer exílio, é narrar muitas histórias, de tendências e grupos políticos muito variados entre si, mas também de pessoas as mais diversas que o viveram a partir das referências políticas e em função de suas características individuais. Assim, o exílio deve ser compreendido como experiência coletiva e individual, pessoal, ao mesmo tempo, uma influenciando a outra. Uma das grandes dificuldades, portanto, de estudar o exílio é dar conta da variedade da experiência, da heterogeneidade. Mas é também aí que está sua riqueza.

Estas são palavras que dizem muito sobre o nosso estudo de caso: Plínio Salgado no exílio político em tempos de crise da direita, no período de 1939 a 1946, sob o regime de Salazar e julgado pelo regime Vargas como líder integralista. As condições do exílio deste personagem envolvem uma série de questões ligadas à direita autoritária no Brasil e em outros países da Europa e da América Latina do século XX. Trata-se de um personagem central do pensamento e prática da direita no Brasil, cujo perfil pessoal, cultural e político envolvem uma série de questões relativas ao seu exílio político entre 1939 a 1946 e que têm reflexos até sua morte, até nossos dias.

Não é difícil encontrar vestígios do pensamento de Plínio Salgado em representantes da direita conservadora e autoritária em cargos e situações políticas em pleno regime dito democrático, depois de 1945. Alias, Plínio Salgado ocupou cargos públicos durante toda a década de 1950, fortalecendo suas posições no regime militar. Sua memória ainda hoje é exaltada pelos sobreviventes da política nacionalista do século XX. Nem é difícil encontrar seu pensamento circulando entre grupos de jovens que se organizam a partir dos seus discursos dos anos 1930. Alguns pesquisadores têm se dedicado a mapear a circularidade do seu pensamento na internet entre os discursos de ontem e os de hoje reformulados pelos militantes.

Nestes lugares, encontramos vestígios de sua vida no “*Tempo do Exílio*”² sendo utilizados para referendar a imagem de vítima do regime ditatorial varguista, que teria sido expulso do país e retornado como mártir do regime autoritário. É com estas

² SALGADO, Plínio. *Tempo do Exílio*: correspondência familiar-1. São Paulo, Voz do Oeste, 1980. A obra está organizada a partir de escolha de determinadas correspondências. A obra deixa de fora uma quantidade imensa de correspondências trocadas do tempo do exílio com outros contatos que Plínio manteve diariamente. Num mesmo dia ele trocava cartas com a filha, o genro, amigos de ideias e contatos políticos. A obra contudo, seleciona o que deve ser lido pelo público atual. Há, nesta obra, uma nova discursividade a ser melhor analisada.

imagens que Plínio Salgado reassume a cena política, sob um campo discursivo que se mescla ao regime democrático de 1945 até 1964. É com essa imagem que os militantes o mantêm vivo na memória e continuam circulando seu pensamento. A obra acima está organizada a partir de escolha de determinadas correspondências. A obra deixa de fora uma quantidade imensa de correspondências trocadas do tempo do exílio com outros contatos que Plínio manteve diariamente. Num mesmo dia ele trocava cartas com a filha, o genro, amigos de ideias e contatos políticos. Os organizadores da obra, contudo, selecionaram o que deveria vir a público para manter uma certa imagem de Plínio Salgado. Há, na obra, portanto, uma nova discursividade a ser melhor analisada.

Para nós, historiadores da política autoritária, fica a questão de analisar a experiência do exílio de Plínio Salgado sob vários enfoques possíveis. Não apenas a partir das condições do seu retorno político, onde muitos indicam a permanência das ideias e projetos político-doutrinário. Mais incorporando outros olhares sobre as formas e estratégias de construção da imagem e memória do *líder carismático*, como ainda hoje é citado em nossos dias, a partir das vivências do exílio.

Plínio Salgado foi líder nacional do movimento integralista brasileiro de 1932 a 1937, um dos maiores defensores da política nacionalista, tradicionalista e autoritária no Brasil que, a partir da atuação da Ação Integralista Brasileira (AIB), acabou contribuindo para a formação do pensamento político-autoritário no Brasil, participando da construção e legitimação do Estado Novo ditatorial de Getúlio Vargas até o regime militar pós-1964, com extensões na política atual. Além do referencial político que o acompanha, Salgado também é citado no campo da política cultural, no campo da educação e da cultura literária nacionalista. Trata-se de um referencial do pensamento político nacional que tem sido muito citado por um campo de preconceitos que, em geral, perde de se conhecer suas formas de sobrevivência na memória social e política.

Neste trabalho, nossa proposta foi destacar a importância de se analisar alguns aspectos das condições pessoais de Plínio Salgado, ou seja, a experiência pessoal do exílio no regime de Salazar, a partir de algumas cartas e de documentos que indiquem suas condições pessoais nos regimes envolvidos por ocasião do exílio. Por outro lado, consideramos importante que, ao destacar aspectos da subjetividade de Plínio Salgado, não se percam de vista as questões do referencial político que o acompanham antes, durante e depois do exílio, suas condições de saída do regime do Estado Novo de Vargas

e entrada no regime de Salazar, sob o contexto de deflagração da Segunda Guerra contra o fascismo e o nazismo e que acaba envolvendo o Brasil. É importante ter em meio à leitura da documentação a ampliação do conhecimento do perfil dos regimes entre os quais se encontra emaranhado numa teia de acordos, alianças, conflitos, tensões e embates, onde sua figura ora representa um aliado, ora um inimigo.

As razões do exílio de Plínio Salgado já são de certa forma conhecidas dos historiadores brasileiros ligados aos estudos do integralismo brasileiro. Em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas dá um golpe de Estado e decreta ao país o Estado Novo. O fato gerou uma euforia e agitação em várias direções. Uns aplaudiram, outros ficaram silenciados e outros reagiram, porque conspiravam e já tinham certo o poder político do país: este era o caso dos integralistas que agiam dentro da AIB. A maioria ficou esperando, entre perdidos e inseguros do seu lugar no novo regime. A AIB foi fechada, como todos os movimentos, associações e partidos políticos. Um grupo de integralistas, guiados e em acordos com alguns militares, provavelmente com o conhecimento de Plínio, reagiu atacando o Palácio da presidência armados. Foram controlados e alguns mortos. O fato desencadeou uma acirrada perseguição aos integralistas que se opunham ao governo e ao novo regime. Núcleos e casas de militantes foram invadidas em busca de planos de conspiração; integralistas foram presos e outros chamados a depor na polícia política. Em pouco tempo a imagem de Plínio Salgado se desgastou sob os discursos e perseguição do Estado Novo brasileiro. Plínio sai com essa imagem do Brasil, mas retorna sob outras condições. Há aqui, como se diz, um divisor de águas a se analisar.

Quando ele saiu do Brasil, a imagem dos integralistas estava sendo associada à dos comunistas. A polícia junta “*provas*” das conspirações integralistas de 10 de março de 1938 e de 11 de maio de 1938, da chamada *Intentona Integralista*. Getúlio se transforma num mito e herói da defesa nacional e Plínio Salgado o novo vilão. Sua figura foi transformada de nacionalista para subversivo e traidor. Enquanto a de Getúlio aparecia como o

Grande, autentico brasileiro é esse, digno de todas as nossas reverências, merecedor de toda a nossa estima, credor do nosso apoio sem reservas nem reticencias, pelo que elle vale como representativo da nacionalidade. (...) Correu-lhe nas veias o

sangue da raça vigilante pelas condições de seu meio geográfico, influiu na formação de seu espírito, que assimilou a cultura universal nas suas linhas mestras, o ambiente de perigos onde o Brasil nunca dorme.³

A imagem de nacionalista de Plínio Salgado é trocada pela de Vargas. Plínio procura viver escondido. Procura abrigo em casas de amigos, conforme depoimentos já publicados e conhecidos dos pesquisadores do tema, é chamado a depois e prestar um depoimento ao Tribunal de Segurança Nacional que resulta em 17 páginas datilografadas.⁴ Os jornais noticiam a cada dia notícias da polícia sobre as “mentiras e conspirações” integralistas. Plínio começa a aparecer como “O Chefe da Mashorca”. É obrigado a procurar exílio político diante do avanço da polícia do regime sobre os integralistas. Viaja para Portugal em 21 de junho de 1939.

A partir daqui, partimos para outra questão, que para nós é importante para nosso estudo do exílio político de Plínio Salgado: por que ele escolheu Portugal? As razões devem ser procuradas no perfil do regime e proximidades político-ideológicas com grupos portugueses, a exemplo da *Legião Portuguesa* e membros do Integralismo Lusitano. Além disso, Salazar representava o perfil intelectual, nacionalista e católico na liderança de um regime antidemocrático e nacionalista católico⁵, cujo perfil se aproximava do de Plínio e da doutrina integralista brasileira. Em razão das características do regime salazarista, é de se supor que Plínio tenha encontrado em Portugal um ambiente político confortável. Na política de regimes autoritários, contudo, nada é o que parece. O regime de Salazar comporta especificidades que têm como centro a política externa do país. E, neste aspecto, as relações com o regime de Vargas, que procura manter aliado à sua política de “neutralidade” na Segunda Guerra. Mas, Plínio encontra no regime um espaço para se proteger durante o desgaste dos integralistas no Brasil, contando para isso com os “amigos de Portugal”.

³ “Ata dos trabalhos da sessão do Conselho Deliberativo: discurso proferido na tarde de 13 de maio pelo Exmo. Sr. Presidente da Republica, por ocasião do acto empolgante de solidariedade do povo de nossa metrópole mal recomposta ainda da surpresa trágica da madrugada de onze”. Arquivo Confidencial Getúlio Vargas. CPDOC/FGV. Rolo 5 foto 1014.

⁴ “Depoimento de Plínio Salgado”. CPDOC. Arquivo Confidencial GV. Pasta 5.

⁵ MARCHI, Riccardo. *Folhas Ultras: as ideias da direita radical portuguesa (1939-1950)*. Lisboa: ICS, 2009. p. 36-37.

O Regime Salazarista é conhecido, atualmente, como a mais longa ditadura da direita do século XX, tendo começado em maio de 1926 e terminado, oficialmente, em 25 de abril de 1974. As marcas do Salazarismo ainda estão muito presentes no Portugal da atualidade. Seu nome ainda tem grande circulação nas conversas familiares e nos debates políticos. Nos centros de pesquisa, atualmente, tem muita produção sobre o regime e sobre Salazar, particularmente, incentivada pela abertura política e pela organização e o acesso aos Arquivos de Salazar, suas instituições e polícia na Torre do Tombo e outros espaços de pesquisa, atraindo pesquisadores de Portugal e do mundo a conhecer o que foi o regime de Salazar. Uma senhora portuguesa, professora e ativista das esquerdas, em conversas familiares nos disse: “Salazar foi a maior desgraça deste país! Ele era frio, era mal! O país vivia uma grande ditadura”. Outro português, junto com sua esposa, disse: “Era tudo controlado, mas, havia uma ordem e não tinha essa crise econômica de hoje”. Dificilmente, ocorre uma conversa com pessoas acima de 60 anos, para que o nome Salazar não apareça. Ele é uma memória muito viva em Portugal. Está presente na arquitetura, nas praças, no comportamento das pessoas, na forma de se comunicarem. Foi um regime que deixou marcas muito fortes e que também se reflete na forma dos portugueses tratarem o estrangeiro, na atualidade. Há certa xenofobia, misturada a alguns que não vêem “ameaça” na presença do estrangeiro em Portugal, particularmente contra o africano e o brasileiro, mas não apenas a estes. Com relação a Brasil e África, há certo “medo” de uma cobrança histórica do passado da exploração colonial de Portugal, principalmente para o caso das colônias africanas, cuja descolonização e independência é mais recente. Em razão destas questões, a entrada de estrangeiros no país, atualmente, está sob forte controle, ampliado em razão da crise econômica.

Em 1939, a recepção cultural de um estrangeiro se dava por outras condutas e, quando era um intelectual e escritor conhecido pela elite intelectual portuguesa havia certo respeito e reverência. Plínio Salgado foi bem aceito pela elite intelectual local. Compactuava com muitas ideias políticas, doutrinárias e culturais com a elite pensante de Portugal, particularmente com os membros do integralismo lusitano, do nacional sindicalismo e mesmo com representantes do salazarismo, considerando-se que Salazar era um intelectual e católico que não tinha adversidades às ideias e projeto político de Plínio Salgado. Suas ressalvas eram contra qualquer tipo de interferência da presença de

Plínio nas relações com o Brasil, com países que lutavam contra o fascismo ou que viessem a interferir na ordem interna do regime em relação aos grupos que conflituavam com a conduta do Presidente do Conselho, Salazar. O regime de Salazar foi construído e se ordenando, conforme as situações históricas internas e externas. Começou como uma ditadura conservadora, com apoio dos católicos e foi se reorganizando dentro de um perfil próximo dos regimes fascistas com a implantação do Estado Novo, em 1933.

Entretanto, o regime de Salazar, como todo regime ditatorial, manteve-se no poder com rígido controle e vigilância sobre toda a sociedade, particularmente sobre os estrangeiros e políticos que estavam em Portugal. No caso de Plínio Salgado, enquanto ex-líder dos integralistas brasileiro e no contexto da Segunda Guerra de crise da direita, mais as relações diplomáticas que mantinha com o exterior na sua política de neutralidade, era de se prever os limites impostos à Plínio, bem como o controle sobre suas atividades. O Salazarismo era um regime com base “na ideologia do ruralismo, da cartilha ‘Deus, Pátria e Família’, em ‘defesa dos valores tradicionais, da fé católica e da hierarquia social estabelecida, contra o comunismo, a maçonaria e o modernismo’”.⁶ Salazar implantou um regime que, ao mesmo tempo apresentava jovens fardados e militantes organizados pela Mocidade Portuguesa e pela Legião Portuguesa, beneficiando-se e apoiando as forças da direita e conservadoras do radicalismo fascista italiano e alemão, também deu ao regime um contorno particularizado pela sua experiência do Centro Católico, das linhas corporativistas e das forças tradicionais portuguesa.

Plínio era esperado em Portugal pelos vigilantes do regime de Salazar. Logo no início de sua chegada em Lisboa, já há notas da Polícia de Vigilância sobre as atividades e contatos de Plínio Salgado. Nos arquivos da Torre do Tombo, localizamos um Processo da PIDE (Polícia de Investigação e Defesa do Estado), contendo uma folha com timbre da PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado) – Proc. 4262-SS, em nome de Plínio Salgado, pelo que se lê as preocupações de Salazar com os primeiros contatos de Plínio Salgado com membros da terceira geração do Integralismo Lusitano, representados pelo Nacional-Sindicalismo (N.S.) e liderado por Rolão Preto, com os

⁶ RABY, Dawn Linda. *A Resistência antifascista em Portugal: comunistas, democratas e militares em oposição a Salazar (1941-1974)*. Lisboa: Ed. Salamandra, 1998. pp. 8-11)

quais Salazar vinha tendo embates políticos, por se tratar de um grupo aos moldes fascistas que defendia a imagem de um líder e uma doutrina que deveria atuar paralelo ao regime nacionalista de Salazar. O encontro de Plínio Salgado com o líder do NS não representava um contato que despreocupasse Salazar, visto que Rolão Preto e o NS se aproximavam daquilo que Plínio e a AIB representara para o Estado Novo varguista, uma ameaça em razão da competição por um poder paralelo ao regime, apesar dos discursos de colaboração.⁷ Como se trata de um documento pequeno, transcrevemos o documento na íntegra para constar o controle do regime de Salazar:

Proc.4262 – Plínio Salgado. Destino: cadastro secreto. Em 17/07/1939 procurou o Dr. Rolão Preto na Soalheira, e brevemente vem ao Pôrto, ignorando-se para que fim. O Dr. Rolão Preto brevemente vem ao Norte, acompanhado de sua esposa, para batizar uma criança. Filha dum individuo de Cête, fervoroso adepto do N.S. [Nacional Sindicalismo]. (D. 19/23) n.º. 4223.

Há mais quatro processos abertos em nome de Plínio Salgado na PIDE, contudo, até o momento só nos foi liberado o processo acima. Os demais estão em fase de análise para ver as possibilidades de liberação pelos funcionários da Torre do Tombo, por se tratar de um personagem que faleceu em 1975, ou seja, período ainda não liberado pelos arquivos sigilosos e policiais de Salazar, sem autorização. A existência de tais processos, ainda que estejam em fase de espera para análise, é um indicativo das preocupações e controle de Salazar sobre Plínio e seu referencial político. Por fim, é importante destacar que a pesquisa se encontra em fase preliminar e devemos dar mais informações em outros textos e a partir de outras leituras nas correspondências do Arquivo de Rio Claro e dos Arquivos de Oliveira Salazar, entre outros.

Referências

ROLEMBERG, Denise. “Exílio. Refazendo identidades”. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*. n.º 2. Rio de Janeiro, jun. 1999.

SILVA, Douglas Mansur da. *A oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro (1956-1974)*. Lisboa: Editora do ICS, 2006. (Estudos e Investigações 42)

BERTONHA, João Fábio. “Os integralistas pós-1945. A busca pelo poder no regime democrático e na ditadura (1945-1985)”. *Revista Diálogos*, Vol. 13, No 1 (2009) Cf.: http://www.dhi.uem.br/publicacoesdhi/dialogos/volume01/vol6_atg1.htm

⁷ “Nacional Sindicalismo”. *Documento Manifesto de Rolão Preto. PT-TT-PIDE. 001.00593*

MIRIAM L. VOLPE. *O jogo da memória e o esquecimento nas geografias do exílio*. Contracorriente. Vol. 3, No. 2, Winter 2006 / Invierno 2006, pp. 34-50. <http://www.ncsu.edu/project/contracorriente>, 2006.

VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio: Mario Benedetti*. Montevideo: Ed. La Gotera, 2004.

BOCCHINO, Adriana A. “Exílio y desafío teórico: cuando la escritura hace lugar AL autor”. [Em Linea] *Orbis Tertius: Revista de Teoria Y Crítica Lieteraria*, 11 (12). Disponível em

http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.217/pr.217.pdf

SALGADO, Plínio. *Minha Segunda Prisão e Meu exílio. Seguido de Diário de Bordo e Poema da Fortaleza de Santa Cruz*. São Paulo: Editora Voz do Oeste, 1980a.

_____. *Tempo de exílio: correspondência familiar-1*. São Paulo: Editora Voz do Oeste, 1980b. (Projeto Editorial supervisionado e revisado por Gumercindo Rocha Dorea)

_____. *In Memoriam*. (Volume II – Autores Estrangeiros). São Paulo: Editora Voz do Oeste/Casa de Plínio Salgado, 1986.